

social a esta forma original, casi asocial, que es la guerra y a los hombres que la llevan a cabo" (Clastres, 1981, p.223).

Quanto às tribos e subtribos que compunham a sociedade em questão, devem ser entendidas aqui como "(...) um corpo de pessoas de origens e costumes comuns, que possui e controla toda a extensão de seu território" (Sahlins, 1970, p.7). Sendo assim, o esquema segmentário tribal²⁶ dos Kaingang possuía em seu setor inicial a presença de várias famílias que, reunidas, compunham as diversas subtribos. Cada uma delas tinha um Chefe Subordinado como representante, denominado, segundo Baldus (1947, p.81), Veiga (1994, p.63-64) e Tommasino (1995, p.76), de Pay. A combinação dessas subtribos formava as várias tribos, as quais eram lideradas por um Cacique Principal, chamado pelos referidos autores de Pay-bang.

Visando ilustrar essa questão, tomamos a narrativa de dois contemporâneos do século XIX que conviveram com os referidos nativos. Um deles é o engenheiro Alphonse Mabide, (1896, p.152) que, ao discorrer em seus apontamentos sobre os Kaingang da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, informa que "os Coroados são divididos em pequenas tribus constituídas por famílias entrelaçadas e parentes chegados. Cada uma destas tribus tem o seu chefe. E estas tribus estão sujeitas a uma autoridade superior de quem dependem que é o cacique principal (...)".

O outro é Telemaco Morosine Borba, que, ao contactar com os Kaingang da Província do Paraná durante sua atividades de Sertanista e Diretor de Aldeamento, relata o seguinte:

"Vivem reunidos aos magotes de 50, 100 e mais indivíduos, sob a direção de seus caciques, porém em todo o tempo a autoridade destes é quasi nula, é só por meios persuasivos, brandos, e dadivas que podem conservar algum ascendente sobre seus companheiros, isto é, conservar-se em seus toldos, no momento em que abandonam estes meios de dominio, ficam isolados de seus súditos; e até seus próprios filhos e parentes os abandonam à procura de outro chefe mais liberal e menos despótico. Geralmente os caciques, e ainda os que mais trabalham, são os que menos objectos teem, pois é de regra entre esta gente, que nunca se deve negar o que é pedido (...)" (Borba, 1908, p.7).

As pessoas que desenvolviam as funções de Pay-bang e Pay não estavam investidas de poder sobre a comunidade, até porque a sua permanência ou destituição em cada um desses cargos dependiam essencialmente do desempenho que viessem a ter nas diferentes situações as quais o grupo precisasse a enfrentar.

26 - Alcida Rita Ramos (1988, p.69-70) nos chama a atenção para que este termo cunhado por Marshall Sahlins em sua obra "Sociedades Tribais" (1970) não seja generalizado a todas as Sociedades Indígenas do subcontinente sul-americano. Todavia ela concorda que, para as Sociedades do Brasil, das quais os Kaingang fazem parte, ele pode ser utilizado sem maiores problemas.

tar. Elman Service, ao tratar sobre as características das lideranças nas sociedades originárias, diz que:

"En una sociedad igualitaria, un líder tiene necesariamente unas características peculiares. Puesto que es una autoridad sin un status formal, su posición tiene que basarse enteramente en sus cualidades personales. Esto, a su vez, quiere decir que actividades o contextos diferentes deben probablemente llevar a primer plano a personas también diferentes. La persona que dirige una ceremonia es generalmente un anciano, versado en la mitología tribal y en los usos ceremoniales a causa de su edad; el líder de un partido de guerreros, por otra parte, puede distinguirse por su vigor y valor juveniles" (Service, 1984, p.68-69).

Os requisitos básicos para a escolha dos líderes Kaingang não estavam pautados necessariamente na hereditariedade, mas sim na valentia, generosidade, redistribuição dos bens conseguidos, diplomacia para resolver os problemas junto ao grupo, habilidade política e dom da oratória. Ou seja, não se diferenciando das demais sociedades originárias em que, segundo Clastres (1981, p.11-116), a função da liderança era agir muito mais como um funcionário (sem qualquer remuneração) ou interlocutor (nas relações com as sociedades amigas e inimigas) do que alguém que detivesse o poder sobre a comunidade, prevalecendo sempre a vontade da tribo sobre a sua. Quanto aos atributos para o cargo, eram também o prestígio, a oratória, a valentia na guerra, entre outros, e não a institucionalização do poder, como ocorre nas Sociedades com o Estado.

Relacionado ainda a essa questão, Gustav Königswald, ao tratar dos Kaingang do sul do Brasil como um todo, escreve o seguinte:

"O cacique, eleito pelos mais valentes da estirpe, tem mais deveres do que direitos. A autoridade concedida ao cacique em grande parte esta vinculada com os presentes que este consegue dar a sua sociedade tribal. Antes ele trabalhava apenas para sua mulher e filhos, porém agora ele tem de auxiliar todos os seus súditos" (Königswald, 1908, p.47).

Neste sentido então, podemos dizer que, entre os nativos Kaingang, o Pay-bang (Cacique da tribo) tinha a sua autoridade limitada. Entretanto a sua capacidade de comando era tanto maior quanto maior fosse a sua habilidade em obter a boa vontade e a cooperação dos demais Pay (Chefes das subtribos), agindo assim indiretamente sobre as diversas famílias da aldeia.

4.2 – Atuação de Caciques Principais e Chefes Subordinados principalmente no território entre os rios Inhacorá, Uruguai e Várzea

Os interesses dos espanhóis nos ervais localizados principalmente nas regiões entre os rios Inhacorá, Guarita e Turvo, segundo Rosa (1998, p.212-123), retrocedem à segunda metade do século XVIII, pois foi a partir deste período que

forte, "trabalhador e muito respeitado pelos seus subordinados, fala pouco o português, porém compreende o quanto se lhe diz".

4.2.1.2 – Os Pay Fifu, Nihí e Calum

O primeiro deles eram chamado de *Tenente Manoel Francisco Fifu* e vivia com a subtribo que liderava no Aldeamento de Inhacorá, subordinado ao *Cacique Fongue*. Porém, nos primeiros anos da década de 1880, em decorrência de uma dissidência com o Pay-bang em questão, migrou com seu grupo para a região entre os rios Turvo e Guarita, dando início ao Aldeamento da Estiva, conforme aparece no Mapa 6. Nesse Aldeamento, possivelmente, *Fifu* tenha sido elevado à categoria de *cacique* e, segundo Castro (1987, p.287) liderava uma tribo de 126 Kaingang.

Contemporâneo a esta década, temos ainda o *Capitão Candido Mello Nihí*, o qual acreditamos também pertencer à tribo de *Fongue*. Foi o fundador do Aldeamento da Campina (veja Mapa 5) localizado a nove léguas ao nordeste da Vila de Palmeira, pelo fato de ter sido desalojado com a subtribo que liderava da localidade de Guarita em decorrência das medições ordenadas por Manoel Joaquim Borges (Castro, 1987, p.287).

O último dentre os líderes em questão era conhecido pelo nome de *Capitão Serafim José Antonio Calum* e substituiu o *Pay Nihí* em sua função no Aldeamento de Campina. Esse Aldeamento (observe Mapa 5) tinha uma população de 159 indivíduos, e o *Chefe Calum*, possivelmente, passou a liderar o grupo, porque, segundo Castro (1987, p.286-287), tinha "a vantagem de falar regularmente português, e por isso melhor fazer sentir as necessidades de seus subordinados, e ser atendido".

4.3 – Atuação de Caciques Principais e Chefes Subordinados principalmente no território entre os rios da Várzea, Uruguai e Lageado

As primeiras informações sobre a reação Kaingang e a atuação das lideranças que os representavam no território em questão podem ser depreendidas da Carta Régia de 1809. Isso porque D. João, no intento de povoar os Campos de Guarapuava e Palmas, aprovou também os planos para "civilizar os índios bárbaros, que infestam aquelle territorio, e de por em cultura todo o paiz que de uma parte vai confinar com o Paraná, e da outra forma as cabeceiras do Uruguay que, depois rega o paiz de Missões, e communica assim com a capitania do Rio Grande" (Carta Régia de 1º/04/1809. In: Cunha, 1992, p.69). Ora, as partes regadas desde as cabeceiras do rio Uruguai que comunicam com as Missões e que deveriam ser "postas em cultura", uma vez que também estavam ocupadas pelos ditos "Índios bárbaros", equivaleram nada mais do que à região da qual estamos tratando.

Outros registros a respeito da reação nativa ao avanço da sociedade nacional são fornecidos por José Pinto Bandeira (1851, p.386) ao relatar que, em 23 de julho de 1832, nas Missões em São Pedro do Sul, o tropeiro José de Sá Sou-

to-maior teve toda a sua comitiva morta pelos Kaingang, sendo os cadáveres encontrados "menos o do dito capitão, pelo que se vulgarizou a notícia que os mesmos selvagens o conservariam prisioneiro em suas moradas no sertão". Um outro autor, que também trata dessa questão em palestra proferida durante as Comemorações do 1º Centenário do Povoamento dos Campos de Palmas, é o Dr. Arthur Martins Franco, dizendo que:

"Ouvireis contar o rapto do Capitão José de Sá Sottomaior, realizado pelos bugres, na madrugada de 23 de Julho de 1832, no assalto que deram ao acampamento do "Xaxim", na "Fazenda dos Quatro Irmãos", nas missões de São Pedro do Sul, quando invenmana ali uma tropa de bestas destinadas ao mercado Paulista" (Franco, 1937, p.309).

Neste sentido, temos ainda para o final do ano de 1845 e início de 1846 a arriscada empreitada de um morador Guarapuavense, alferes Francisco Ferreira da Rocha Loures, de penetrar nos referidos territórios³⁰. Maximiliano Beschoren, ao tratar desse episódio em sua obra, escreve o seguinte:

"Era preciso muita coragem para se instalar com apenas alguns companheiros e ficar sujeitos ao ataque dos índios, que consideravam toda a região, matos e campos, como suas propriedades incontestáveis. Ao primeiro colmo, sucederam-se outros, vindos do Paraná, que se fixaram à pequena distância, uns dos outros" (Beschoren, 1989, p.42-43).

O fato de os Kaingang permitirem que esses intrusos se estabelecessem no território não ocorreu, ao nosso ver, pela sua coragem, como os documentos que tratam da questão ressaltam na maioria das vezes. Dizemos isso pelo motivo de que, também nesta região, algumas tribos, ao perceberem que, através de suas correrias aos brancos, nem sempre estavam alcançando os objetivos esperados, resolveram mudar de estratégia e negociar tanto os objetos desejados quanto a possibilidade de morar em Aldeamento criado pelos fôg.

Justifica a primeira situação a própria vinda do *Cacique Nicafim* à Vila de Passo Fundo no decorrer do mês de maio de 1846, acompanhado de mais de cinquenta nativos, mas "todas as vezes que esses selvagens se apresentam são muitos exigentes, principalmente de roupas, e quando sua exigência não é satisfeita, mostram-se assaz desorientados o que inspira aos habitantes proximos aos

30 - Estando nessa época o Governo da Província de São Paulo General Manoel Francisco de Lima e Silva e o Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul Conde de Caxias interessado em prosseguirem a tarefa de ligar as referidas Províncias através de um caminho que atravessasse os Campos de Palmas, mandam chamar o experiente Capitão Antonio da Rocha Loures. Entretanto, como esse já estava velho para tal empreendimento, envia ao presidente paulista seus dois filhos: Francisco Ferreira da Rocha Loures e João Cyriano da Rocha Loures, os quais mais tarde atuaram, respectivamente, nas Províncias do Paraná e São Pedro do Rio Grande do Sul (Silveira, 1909, p.436-437).

lugares da aparição dos mesmos bem fundados receios de serem por elles ac-commetidos" (Offício de 20/05/1846. In: RIHGRS, 1931, p. 118).

Quanto à segunda, são os próprios Kaingang que, nas negociações, indicavam quais os lugares nos Campos de Nonoai em que desejavam aldear-se, pois do contrário certamente não iriam. Essa situação ficou bastante clara na Sessão da Câmara Municipal de Cruz Alta, como segue:

"O aldeamento, collocado no campo dos Toldos ou em algumas das campinas mais proximas ao Uruguay, além das vantagens apontadas e de outras que certamente não escapão a penetração de V. Ex., apresenta mais uma de não pequena ponderação e vem a ser que os ditos campos são completamente devolutos; foram pedidos pelos selvagens, con fica referido, para nelle se estabelecerem, pedtório, que na opinião da camara, deve se attendido, e se V. Ex. o escolher para o fim mencionado, evitar-se-ão questões que necessariamente não deixarão de apparecer se o aldeamento fór estabelecido em terras possuidas e occupadas por particulares" (Offício de 20/05/1846. In: RIHGRS, 1931, p. 120, grifo nosso).

4.3.1 – Os Pay-bang Nonohay, Votouro e Canhaté

O Cacique Nonohay³¹ também era uma liderança muito conhecida dentre os demais protagonistas de sua época, legando inclusive o seu nome a um vasto território que "forma um polygono irregular de 446 kilometros lineares, devidindo ao Norte pelo Uruguay, ao Sul pela cordilheira onde há mais de meio seculo foi aberta a picada do Sarandy, a Leste o grande arroio Passo Fundo, a Oeste o rio da Varzea ou Uruguay Puitã, tributarios do Uruguay" (Silveira, 1909, p.430, grifo do autor).

Tratando-se dos informes mais antigos a seu respeito, recorremos novamente aos registros de Nicolau Mendes a partir da narrativa lendária contada pelo Cacique Konkó, arrolados por Rogério Rosa (1998, p.125-127) no que se refere a "memória do Cacique Nonohay". Em vista disso, temos conhecimento de que nas últimas décadas do século XVIII, Nonohay já era um líder de destaque entre os seus. Sabemos também que, em lutas para defender o território da invasão de outros grupos, teria participado, por volta de 1772, de uma importante batalha contra os Xokleng nas proximidades do arroio do Tigre, local onde mais tarde originou-se o Aldeamento de Nonoai.

Quanto ao território de onde ele e sua tribo teriam se originado e/ou migrado, não há unanimidade por parte dos autores. João Cazimbra Jacques, por exemplo, escreve em suas notas que "quando há mais de 100 anos, passaram os indios kaingangs ou coroados o rio Uruguai, para a Terra Sul-Rio-Grandense

era um dos seus grandes capiães o notável cacique Nonoai" (Jacques, 1912, p.100, grifos do autor). Seguidores dessa linha de pensamento são Mabilde in Serrano (1957a, p.171), Basile Becker (1976a, p.126; 1976b, p.49) e Mabilde (1983, p.162).

Contrapondo-se a isso, o Pe. Rafael Pérez, utilizando-se da conversa realizada durante uma negociação entre nativos e brancos, narra que "Nonohay esta-ba sentado con tanta compostura y nobleza y hablaba con tanta energia y autorifueron acaloradas reclamaciones contra la posesión de cierto señor Rocha en estos campos, que ellos tienen por suyos porque en ellos nacieron y se cria-ron, y en ellos descansan las cenizas de sus antepasados" (Pérez, 1901, p.566, grifos nossos). De opinião semelhante, temos também Parés (Correspondência de 23/02/1851, AHRs), Fischer (1954, p.15-16) e Rosa (1998, p.119-152). E ainda, segundo a obra de Rogério Rosa, pelo que nos parece, os próprios especialistas da memória Kaingang na atualidade, como, por exemplo, João Carlos Kanheró (Kaxú), Augusto Opê da Silva, Gelson Vergueiro Kagrer, entre outros.

O Pay-bang Nonohay, quando contactou com os jesuítas no princípio de 1849, segundo o Pe. Bernardo Parés, já era um "anciano de 120 años de edad con su tribu los ocupaba en aquella sazón" (Pérez, 1901, p.492)/Entretanto, o Pe. correspondência enviada ao superior, Pe. Mariano Berdugo, a respeito dos cinco caciques que se encontravam no referido Aldeamento, diz que:

"El segundo, llamado Nonohay, es otro viejo venerando y muy juicioso; tendrá unos 80 años; su toldo á cosa de dos horas de aqui, su gente poco más ó menos 170 salvagies; bastante selváticos; creo que tiene algunos todavía en el bosque" (Correspondência de 26/02/1851. In: Pérez, 1901, p.551, grifo nosso).

Esta importante liderança fazia-se notável entre os seus Chefes Subordinados e "era um índio docil, com quando, já decrepito ainda era amavel e se distinguia por estas características, dentre os seus companheiros" (Castro, 1887, p.151). Teria vivido, conforme D'Angelis (1984, p.18), até meados de 1853, o que coincide aproximadamente com a Correspondência de 18 de agosto de 1854 do Diretor do Aldeamento de Nonoai, na qual ele já aparecia como falecido. Outras informações são fornecidas por Fischer (1954, p.16) ao dizer que o Cacique Nonohay "veio a falecer em 1895, sendo enterrado nas margens do Arroio do Mel, quase nas costas do Rio Uruguai". Temos ainda, segundo a tradição oral do grupo, registrada numa entrevista realizada por Rogério Rosa com o kaingang João Carlos Kanheró (Kaxú), o seguinte:

"Um dia a Morte veio voando até o Cacique Nonoai. Segundo Kaxú, durante a entrevista realizada na Rua da Praia, Nonoai faleceu com cento e cinqüenta anos; noutra oportunidade, no Seminário de Cosmologia

31 – Ao tratarmos do Cacique Nonohay, grafaremos a palavra com h e y, visando evitar confusões para quando estivermos nos referindo aos Campos de Nonoai.

Kaingang realizado pelo MIT, em julho passado, Kaxú explicou que foi aos duzentos e dez anos de idade" (Rosa, 1998, p. 133, grifos nossos).

Além disso, o entrevistado informou também que o referido cacique foi um homem de porte pequeno e teve cinco mulheres, cinquenta filhos e muitos netos e bisnetos.

No que tange à idade dessa liderança, somos da opinião de que não era tão velha conforme as condições de vida certamente o faziam aparentar. Razões para isso são os próprios relatos dos jesuítas, uma vez que, em 1849, num primeiro momento de contato, o Pe. Bernardo Parés atribuiu-lhe uma idade de 120 anos, porém, depois de algum tempo de convivência, é possível que se tivesse dado conta do engano, porque o Pe. Solanellas mencionou *Nonohay* como sendo um cacique de 80 anos.

Referente à época de sua morte, inclinamo-nos a acreditar que tenha ocorrido por volta de 1853 segundo os informe de Wilmar D'Angelis (1984) e da Corresponsência de 18 de agosto de 1854. Acreditamos nessa possibilidade, porque, se procurarmos estabelecer uma cronologia a respeito de *Nonohay*, temos que em 1772, era um dos filhos guerreiros do *Cacique Fondengue* e que provavelmente possuía não mais do que uns 18 ou 19 anos. Em 1849, quando os jesuítas chegaram à região, ou seja, setenta e sete anos depois, essa liderança tinha entre 95 e 96 anos de idade embora pudesse aparentar mais. Seguindo esse raciocínio, então, podemos inferir que, na ocasião de sua morte em 1853, era um ancião de aproximadamente 100 anos.

Quanto à data de 1895 fornecida por Martin Fischer para a morte do *Pay-bang Nonohay*, acreditamos ser esta pouco provável, porque esta liderança estaria com uma idade de 142 anos, a qual é bastante difícil de um homem atingir, enfrentando carência de alimentos e as frequentes guerras com as tribos inimigas, como foi o caso do cacique em questão. Ao tomarmos a tradição oral do grupo, entretanto, é preciso levarmos em consideração que esses nativos, por um lado, tinham por hábito contar a idade pelos nós da taquara³² e, por outro, podem, atualmente, estarem resignificando os sentidos dos acontecimentos apoiados em seus mitos para darem conta dos novos elementos e situações que estão vivenciando.

A atuação do *Cacique Nonohay*, levando adiante a política das negociações com os invasores, seguindo a nova lógica adotada por sua tribo, vem coincidir justamente com a legislação imperial do Regimento das Missões. Na tessitura desses acontecimentos é que, em 1845, o Pe. Antônio de Almeida Leite Penteado dava os primeiros passos em direção à catequese e ao aldeamento com os Kaingang das imediações de Passo Fundo, distribuindo roupa, fazenda, etc (Relatório de 1º/03/1846, p. 21-22).

Nesse sentido, vindo do Paraná, temos também, segundo Silveira (1909, p. 437), o Sr. João Cypriano da Rocha Loures que "transpoz o Uruguay no passo Goyen e por sua conta e risco, passou a catequizar os índios coroados" e dar continuidade ao trabalho já iniciado. Posteriormente, foi nomeado diretor do Aldeamento, "mas em pouco mais de dous annos, teve d'incorrer na má vontade do commendador José Joaquim d'Oliveira, director do diminuto aldeamento da Guafita e do genro deste, o juiz de direito José Gaspar Santos Lima, cujo irmão Clementino dos Santos Pacheco, apossara-se de grande extensão de terras do patrimônio dos índios, ou pelo menos consideradas taes" (Silveira, 1909, p. 437-438).

Parece-nos que o desenrolar desses acontecimentos e as relações que se estabeleceram com os Kaingang não foram as melhores, uma vez que os nativos, retiraram-se do local e ameaçaram atacar os cristãos.

No princípio de 1849 (verifique Mapa 6 e Quadro 1) é que se iniciaram os primeiros contatos mais efetivos da comitiva do Pe. Bernardo Parés com os nativos da região, pois, após receberem a notícia de que tinham chegado muitas rotas, "acudiram de toda a parte e em breve reuniram-se mais de 400 pessoas e também o *Velho Nonohay*, de sorte que o Padre estava em apuros, não sabendo o que fazer com tanta gente" (Teschauer, 1929, p. 287, grifo nosso). Logo depois, reunidos num grande conselho, foi discutida, juntamente com as outras lideranças Kaingang da região, a possibilidade de viverem com os padres no local do Aldeamento. O *Pay-bang Nonohay*, por sua vez, tomando a palavra, disse que naquele momento ainda não, porque "éi queria ir outra vez à sus toldos à comer lo que habia plantado, y que luego que fuese tiempo de la labor, vendrian á hacer sus sementeras cerca de la aldea, donde harian casas quando hubiese que comer" (Correspondência de 25/04/1849. In: Pérez, 1901, p. 493).

A interpretação desse evento, todavia, se na visão dos padres que representavam a lógica ocidental significava algo positivo devido ao fato de que o Aldeamento ainda não possuía a infraestrutura adequada para receber todos aqueles nativos, pela lógica Kaingang, certamente, podemos torná-la como uma atitude estratégica adotada por *Nonohay*, visando estabelecer, frente às ações desmearas negociações com eles, as promessas não haviam sido cumpridas.

Para ilustrar a situação que se criou diante desses fatos, tomamos a narrativa do Pe. Parés contida numa correspondência enviada ao Presidente da Província:

"Este aldeamento, Excmo; Sr., ha sido mal dirigido desde el principio, y ahora presenta las dificultades de todo aquello que principia mal. Cuantos han tratado con los bugres, con el fin de darles gusto, han procurado tenerlos contentos con promesas que no habian de cumplir, y atraerlos con engaños, diciéndoles que el Gobierno les daría quanto precisasen ó quisiesen, con tal que no hiciesen mal á los cristianos: de modo que ellos están en la per-

32 - Segundo Maximiliano Beschoren (1989, p. 63) e Wanda Hanke (1947, p. 99), esses nós foram-se depois do seu reflorescimento, o qual ocorre, dependendo da espécie, somente a cada trinta e cinco anos.

Depois disso, Nonohay e parte de sua tribo, conforme Correspondência de 23 de fevereiro de 1851, atravessaram o rio da Várzea e percorreram a região do rio Guarita, talvez sondando as outras tribos a fim de saber qual a melhor política que poderiam adotar com os fôg frente a essa nova situação. Logo a seguir, apresentou-se no Aldeamento de Nonoi acompanhado de uns cinquenta guerreiros, trazendo reclamações contra os brancos que estavam em seus campos.

Por último, então, percebemos que, quanto à possibilidade do Pay-bang Nonohay assim como as demais lideranças estabelecerem-se com suas tribos num só Aldeamento, como foi cogitado num primeiro momento pelos padres, era algo cada vez mais difícil. Esclarecem essa questão os próprios relatos dos jesuítas, em fins de 1851, ao Padre Superior.

"(...) rehusan formar una sola aldea con los otros, y la razón es que no hay recursos bastantes para sostener tanta población reunida: esto es cierto, pero la principal es la que nos ha significado varias veces el Viejo Nonohay, diciendo que él por sí está dispuesto para residir aquí, mas que se receblaba de su gente joven y brhosa, la cual á la hora menos pensada podría promover riñas con la gente de otros jefes y comprometer la armonía y buena inteligencia que actualmente reina entre todos" (Pérez, 1901, p.566, grifo nosso).

Quanto ao Pay-bang chamado pelo nome de Votouro, Votoro, Voltouro ou Capitão Jacob, também era um dos caciques que estavam na região quando, por volta de 1849, os jesuítas chegaram, conforme discorre o Pe. Julian Solanellas:

"Viejo Vuotoro, cacique de una partida de salvajes que tiene su toldo á cinco leguas hacia levante, en una campiña rodeada de inmensos bosques, al outro lado del río Passo-Fundo. Este indio es de alta estatura, delgado, muy venerable por sus canas y por sus años, que pasan seguramente de un siglo, mas sobre todo por sus maneras afables y patriarcales que traen la idea de un Isaac ó de un Jacob" (Pérez, 1901, p.567, grifo nosso).

Na opinião dos padres, este líder, em decorrência da idade avançada e de sua dificuldade para andar sozinho ou ficar sem o auxílio de alguém, não viveria por muito mais tempo, uma vez que "casi nunca se mueve de casa y está siempre echado, vestido como el Señor le crió, solo se cubre un poco, nunca lo dejan solo, siempre hay quien vigile por él, y eso he observado docenas de veces (Correspondência de 26/02/1851. In: Pérez, 1901, p.554). Apesar disso, entretanto, esse Pay-bang somente veio a falecer depois que os jesuítas deixaram o trabalho nos Aldeamentos, mais precisamente entre outubro de 1853 e agosto de 1854, porque, no Relatório do Presidente João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu à Assembléia Provincial, em 06 de outubro de 1853, o referido cacique ainda é mencionado. Porém, na Correspondência de 18 de agosto de 1854, enviada ao Presidente da Província pelo diretor do Aldeamento de Nonoi José Joaquim de Andrade Neves, Votouro já aparece como finado.

Quando, em 1849, os padres chegaram à região, o Pay-bang Votouro vivia juntamente com sua tribo (observe Mapa 6 e Quadro 1) a algumas léguas do Aldeamento de Nonoi (Correspondência de 25/04/1849. In: Pérez, 1901, p.493). Entretanto, alguns meses depois, em decorrência das negociações estabelecidas com os fôg, parte da tribo mudou-se para o Aldeamento e passou a fazer roças, utilizando-se para isso de seus próprios porretes, porque as ferramentas prometidas ainda não tinham chegado (Correspondência de 29/10/1849, AHRs).

Em vista do atraso dessas ferramentas e de um deslucamento que protegesse o Aldeamento como havia sido pedido ao Governo Provincial, é provável que a tribo de Votouro tivesse deixado o local. Dizemos isso pelo fato de a Correspondência de 08 de abril de 1850 do Pe. Parés ao Presidente da Província informar que a tribo estava retomando a Nonoi na esperança de que os policiais informaram de substituir os Pedestres já estivessem a caminho. Ao longo dessas negociações e espera do que havia sido prometido, somos de opinião de que o grupo do Cacique Votouro circulava entre seu toldo e o Aldeamento, porque as Correspondências de 08/03/1850, 08/04/1850 e 14/01/1851 do Pe. Bernardo Parés ora informam que os nativos estão chegando, ora que estão saindo de Nonoi. É possível que chefes subordinados da referida tribo também tivessem ido a Porto Alegre nos primeiros meses de 1851 para participarem com as outras lideranças da região das negociações com o Presidente da Província. Quanto à época de retorno a Nonoi, certamente deve ter coincidido com o período do Ritual evento, o qual contou com a participação de muitas tribos daquele território, conforme relata Julian de Solanellas ao Padre Superior, Mariano Berdugo:

"Para este tan distinguido dia, que para ellos es el más glorioso del mundo, hicieron cántaros de su aguardiente, que conservaban en un grande tronco hueco, que sirve de tinaja, y de cuándo en cuándo mientras están bailando, un cacique ó dos, con un pedazo de calabaza seca, que sirve de vaso, les va dando de beber á todos. Vi cuando llegaron los bugres convidados, que ya lo anunciaba su musica, la cual consiste en flautas de caña, que tocan con la nariz, y cuernos de buey, que ellos se arreglan, y que todos marchaban formados, con su gran Capitán al frente. ¡ Qué bellos mozos! ¡ Qué buenos granaderos! Uno de los Caciques mas civilizado les salió á recibir. Ya ve V. R. cómo también á los infieles

33 - O Kiki também é chamado de "Festa dos Mortos" e acontecia geralmente entre os meses de abril e junho, porque era a época de maior abundância de alimentos como o pinhão, milho verde, mel e também as caças, os quais possibilitavam uma melhor receptividade aos parentes que vinham de outras aldeias para a festa. Todos os homens, mulheres e crianças participam, pois era o momento em que os mortos devolviam seus nomes à comunidade e depois os espíritos iam embora deste mundo, permitindo a nomenclatura das crianças. Nesse ritual, definia-se também a metade a que os novos indivíduos deviam pertencer durante toda a sua vida (Cemtille, 1882, p.281-283; Baldus, 1937, p.29-69; Nimunadaju, 1993, p.67-69 e Veiga, 1994, p.162-176). É possível ainda que este rito servisse para os Kaingang marcar um tempo mítico primordial o que Mircea Eliade (1973, p.63-100), denomina de tempo do eterno retorno.

les gustan las etiquetas y cumplimientos. Comenzó la danza á las tres de la tarde y acabó á las doce de la noche. Ciertamente una vez en la vida es cosa digna de ver á estos indios, adornadas sus cabezas con plumas de papagayo, y á sus mujeres, brincar y bailar con mucho recato y honestidad, y cómo llevan el compás sus maestros de capilla; las mujeres hogueras encendidas, que se ve como si fuese de día, el gran Cacique que les pone la bebida á la boca; aquella música tan patética y trágica, aquellas voces propias de salvajes, todo junto forma una armonía, que al que no la ha oído, no le disgusta, pero al que la oye todos los días, fastidiaría mucho, si el amor de Dios no la dulcificara" (Correspondência de 26/02/1851. In: Pérez, 1901, p. 550).

Na seqüência dessa narrativa, o Pe. Solanellas informa ainda que, como o "baile" ficava a uns sessenta passos da capela, resolveu naquela noite omitir o terço. Passadas, porém, algumas horas, vieram até ele alguns meninos Kaingang pedir que fosse "tocar o rosário". Bastante comovido diante do pedido, dirigiu-se com eles até a capela e, logo depois de tocarem o sino, "todos los bugñños inmediatamente abandonaron el baile, y lo mismo que las moscas á un panal de miel, acudieron todos á la capilla sin fallar uno" (Correspondência de 26/02/1851. In: Pérez, 1901, p. 550). Concluindo o terço, o padre agradeceu a presença de todos e distribuiu-lhes como prêmio um pouco de doce, motivo pelo qual ficaram muito felizes e voltaram novamente a bailar.

Ao observarmos o desenrolar desse evento, é possível perceber as diferentes concepções de mundo existentes em cada uma das culturas em questão, mas isso não deixa de ser natural, porque, segundo Marshall Sahlins (1990, p. 11), culturas diferentes produzem historicidades diferentes. Nesse sentido, enquanto para os nativos, esse ritual representava a mais forte expressão religiosa quanto para os nativos, na interpretação dos padres, esta não passava de uma sa-cultural do seu povo, na interpretação dos padres, esta não passava de uma comemoração, possivelmente devido às negociações com o Presidente da Província, até porque na mentalidade do clero da época, também perdurava a antipatia "mirrada" ocidental de que muitos nativos da América do Sul eram "salvajes, sin ley, sin rey" (Clastres, 1981, p. 112).

Outro aspecto a ressaltar é que, se para o padre a solicitação da reza e terço, a interrupção do "baile" e a celebração católica significaram algum tipo de adesão nativa ao Deus Cristão, na concepção Kaingang representaram, provavelmente, o indicativo de uma estrutura prescritiva em que, segundo Sahlins (1990, p. 13), era mantida a projeção da ordem existente, mas reelaborada a partir da situação através do mito³⁴. Em vista disso, então, podemos dizer que, no Kaingang, elementos como a comensalidade, o canto, entre outros, estiveram presentes no entrelaçamento dessas duas historicidades.

34 – No mito de origem Kaingang, narrado por Telemaco Borba (1908, p. 20-22), é possível perceber que os ancestrais fundadores "Cayunucé", "Carné" e "Caingangués" estabeleceram uma primórdial na qual elementos novos também tiveram que ser reelaborados para dar origem a nova realidade que se criou.

Sobre a questão da religião, temos também a destacar o batizado do Cacique Votouro, realizado pelo Pe. Solanellas depois de se aventurar num perigoso percurso até o outro lado do rio Passo Fundo, atravessando campos, matas, desfiladeiros e córregos d'água, conforme o referido jesuíta registrou em seu diário:

"Dios quiso, llegué antes de entrar el sol al término de mi viaje: entré en una pequeña y hermosa campiña rodeada de bosques, y en ella cuatro ó cinco ranchos de bugres, en uno de los cuales encontré vivo al salvaje por quien había andado tan escabroso camino: grand consuelo inundó mi corazón viéndome ya á su lado. Ofrecíe una camisa que llevaba, y yo mismo se la puse, pues estaba como el Señor lo crió, sin más que un harapo en la cintura, y le di á comer de lo que yo había llevado para mí: luego le declaré el objeto de mi visita, que era abrir las puertas del cielo bautizase luego, como lo hice" (Diário de 04/12/1851. In: Pérez, 1901, p. 568-569).

Se esse episódio para o padre representou algum tipo de aceitação da fé cristã, para o Pay-bang, ao nosso ver, esteve muito mais relacionado com algum tipo de aliança semelhante à que foi reordenada quando ocorreram o Ritual do Kiki e a Reza do Terço. Dizemos isso pelo fato de que, antes desse evento, o referido cacique esteve várias vezes no Aldeamento e nunca aceitou ser batizado. O terceiro dos caciques apontados era grafado pelo nome de *Canhaté* ou *Canaté* e também vivia com sua tribo na região de Nonoi (veja Mapa 6 e Quarto 1). O Pe. Julian Solanellas, ao escrever sobre esse Pay-bang em correspondência enviada a Mariano Berdugo, Padre Superior, diz que:

(...) Canhaté, tendrá unos 60 años: á este lo bauticé in periculo mortis; este tiene casa hecha aquí, como él se á hacer un paseo al bosque, ahora la habita su suegro, espero que vendrá luego. Su gente subirá á 30 salvajes. Este no hace mucho que perdió bastantes hombres guerreando con otro cacique, y algunos de los que pelearon con él están ahora aquí. Creo que está también aquí un salvaje que mató á su hijo. Tiene muchos hijos que ya saben alguna cosa, y entre otros uno de 25 años muy amigo del Rosario y de aprender la doctrina" (Correspondência de 26/02/1851. In: Pérez, 1901, p. 551-552, grifo nosso).

As primeiras notícias a seu respeito datam de 1849, quando, segundo o Pe. Bernardo Pares, encontrava-se fazendo roças de um alqueire no Aldeamento de Nonoi. O padre informa também que, juntamente com *Canhaté*, trabalhavam os nativos chamados de *Criquincha*, *Caembé*, *Nandi*, *Nonnemi* e *Arimbenk*, fazendo roças de meio alqueire cada um, o que nos leva a crer que deveriam ser Pay pertencentes à tribo do cacique em questão (Correspondência de 29/10/1849, AHRs).

É possível que o grupo desse Pay-bang, assim como as demais tribos, diante das negociações com os brancos, circulasse entre seu toldo originário e o Aldeamento em formação. Nesse sentido, a Correspondência de 08 de março de 1850 do Pe. Parés ao Presidente da Província comunica que a tribo do *Cacique Carhafé*, ao receber a notícia de que o referido religioso visitaria o Aldeamento, começou a retornar para Nonoai.

Logo em seguida, a Correspondência de 1º de junho de 1850 do Pe. Santia-Villarrubia ao Pe. Juan Cortis informa que, por causa de uma mulher, alguns indivíduos da tribo do *Pay-bang Carhafé* indispueram-se com a gente do *Cacique Nicaifim* e em pouco tempo ambas armaram-se de arcos, flechas, lanças, clava-bastões, porretes, etc. prontas para lutar. A situação criada somente não se tornou insustentável, porque o jesuíta, intercedendo, persuadiu-os a negociarem a paz em troca de roupas e outros objetos que eram cobigados. Sobre a natureza de guerra presente na vida desses nativos, o Pe. Santiago Villarrubia tece o seguinte comentário:

"(...) la gente de un capitán villa unida y en amistad con la de outro capitán, bastándose levas motivos para declararse guerra entre si: por lo pasado se destruían sin piedad los unos á los otros. y esta es la principal causa por que esta nación es tan reducida, pues todos los indios de esta provincia reunidos no alcanzan tal vez á mil indios" (Correspondência de 1º/06/1850. In: Pérez, 1901, p.522).

Os últimos dados a respeito do *Pay-bang Carhafé* informam que, como a força policial negociada não chegava para proteger Nonoai, ele decidiu retirar-se para o seu toldo que ficava a meia légua de distância do Aldeamento (Correspondência de 14/01/1851, AHRs).

Como vemos, todas as vezes que as lideranças arroladas eram pressionadas pelos representantes da sociedade nacional para morarem no Aldeamento, agindo com muita diplomacia, alegavam alguma razão para esquivar-se da negociação.

4.3.2 – O *Pay-bang Condá*

Este cacique também era conhecido pelo nome de *Victorino Condá* ou *Cundá*. As primeiras notícias de que temos conhecimento a seu respeito são fornecidas por Joaquim José Pinto Bandeira ao falar que o nativo *Condá*, quando ainda criança, esteve no Aldeamento de Guatapuava e travou conhecimento com o então menino Francisco da Rocha Loures, filho de Capitão Antonio da Rocha Loures, que era o braço direito de Diogo Pinto na conquista da região. Passado o tempo, entretanto, *Condá* "retrahindo-seaos bosques se tornou formidável e temido entre os seus" (Bandeira, 1851, p.394).

O Pe. Julian Solanellas, que teria contado com ele por volta de 1850 no Aldeamento de Nonoai, em Correspondência ao Padre Superior Mariano Berdugo, relata que:

"Victorino Condá, tendrá sobre unos 60 años, está ya bautizado y es de los mas civilizados que hay aqui. y á quien el Gobierno pasa mensualmente 5 duros. Su gente sobre unos 160, de los cuales aqui tendrá unos 90, y los demás en Palmas, distante cinco dias: creo que vendrán acá. Este es el cacique más valiente, más guerrero, más sagaz e intrépido de todos, por lo que todos le temen, pues entre ellos vale mucho el tener esas cualidades. Da gusto verle tirar la flecha, y con qué pericia y agilidad la hacer subir. Un dia me contaba que él se encontró en una acción en la que perecieron 350 salvajes, unos muertos á lanzadas, otros con flechas y muchos abrazados, pues encendieron sus casas. Ahora, cuando se pone de gala, no se conoce. Verdad es que ya tenía levita y una hermosa espada con empuñadura de plata y borla del mismo metal, que nosotros le regalamos: es de los que fueron á Porto-Alegre" (Correspondência de 26/02/1851. In Pérez, 1901, p.552, grifo nosso).

Segundo D'Angelis (1983, p.13), este *Pay-bang* teria morrido em 25 de maio de 1870 na localidade de Xapecó. Antes disso, porém, teve uma importante Correspondência de 23 de abril de 1855, enviada pelos vereadores do povoado de Guatapuava ao Presidente da Província do Paraná:

"Existe hoje nos campos do Goyrhoem (Goi-en) hum cassique já velho chamado Victorino, nascido e criado no antigo aldeamento de Guatapuava, do qual era diretor o Padre Chagas, este cassique he conhecido nos certões desde o Paraná ate o Goyrhoem, e respeitado pelas tribos dessas paragens, não só pelo seu nome como por contar com grande número de individuos pertencentes ao seo toldo. (...) Ingiñar este cassique e sua gente afirm de manter nestes lugares, hum corpo de Pulicia ambulante destinado a percorrer continuamente as costas dos matos Payquere, será presentemente a unica medida a tomar, este indio pode prestar valiosos servissos, pois que he dotado de muita visão e talvez aliviasse muito o pais reunindo muitos dos Selvagens e afugentando a outros" (apud Mota, 1994, p.225, grifo nosso).

Nesse sentido, há também a narrativa de Antonio Alceu para o período anterior a 1839, informando que guerreiros do *Cacique Condá* teriam atacado a comitiva comandada por Pedro Siqueira Côrtes na altura do rio Negro próximo a Curitiba quando este se dirigia para a Província do Rio Grande do Sul, possivelmente em busca de tropas para a feira paulista. Na sequência do seu relato, discute-se que o único sobrevivente foi o comandante, que, ao se dar conta de que a munição tinha acabado, montou em seu cavalo e tentou furar o cerco. *Condá*, entretanto, percebendo o intento do inimigo, jogou-se sobre ele, mas teve a testa

atingida pelo cano da arma de Pedro Côrtes, que consegue escapar. É contado ainda pelo narrador que, por causa desse fato, "o cacique votou um odio de morte de Pedro Siqueira, jurando vingá-lo na pessoa deste ou na de seus filhos" (Alceu apud Franco, 1937, p.310).

Posteriormente, em Guarapuava, o referido comandante tomou conhecimento de que o *Pay-bang Condá*, estabelecido nos Campos Iraní, planejava ir atacá-lo. Diante disso, Pedro Côrtes, organizando uma bandeira, dirigiu-se até o acampamento da tribo de *Condá* para atacá-los de surpresa, conforme relata Antonio Alceu:

"O índio modorrava ao sói deserto; índio macho, com exceção do *Condá* não havia, a não ser os velhos. Todos a essa hora estavam fora, carregando. De sorte que o *Condá* ainda pôde escapar ao assalto, garrando o matto, correndo em zig-zag para não ser atingido pelos tiros. Nesse ataque pereceu a mãe de *Condá*" (apud Franco, 1937, p.311, grifos nossos).

Após isso, o cacique em questão, reunindo a horda que tinha voltado, pos-se em perseguição aos fôg, que se encontravam acampados entre um taquaral. Tal encontro acarretou uma luta que durou aproximadamente três dias com baixas de ambos os lados, até que a tribo de *Condá* resolveu sair em retirada e dirigir-se, possivelmente, para seu território de origem (Veja Mapa 6 e Quadro 1), o qual, segundo Mabilde (1983, p.162), estendia-se das "matas da margem direita do rio Uruguai, desde a foz do rio Peperiguassu até a foz do rio Canoas, eram ocupadas pelos coroados dos caciques Nonoai e Cundá (hoje conhecido por Vítório Cundá), os quais viviam, ainda que não em perfeita harmonia, ao mesmo sem hostilizar-se".

Depois desse episódio, somente teremos notícias do *Pay-bang Condá* e sua tribo em meados de 1840, quando mantiveram contatos amistosos com a expedição de João da Silva Carrião, que adentrava nos Campos de Palmas, conforme segue:

"Passando por Guarapuava, tiveram elles a fortuna de ahí encontrar o índio *Condá*, chefe da principal horda de selvagens, que occupava Palmas, e mais dous índios com suas familias, em numero de onze pessoas, entre as quaes eram Chaneré mulher do cacique, e duas criadas Macã e Vangre. Um dos índios sabia ler e escrever, por ter-se criado na aldeia de Guarapuava, d'onde fugiu para o sertão; e ainda fallava soffiavelmente a nossa lingua, o que serviu á communicação franca, até mesmo com o cacique, que tambem balbuciava algumas phrasas portuguezas, e os entretiveram com agrados, dadivas e caricias, a fim de os ganharem para a sua segurança, e de todos quantos estavam em Palmas" (Bandeira, 1851, p.388, grifo nosso).

Ao nosso ver, todavia, essas mudanças de atitude da tribo, que até pouco tempo atrás atacava todos aqueles que se aventurassem a penetrar nesses territórios, deve ser entendida dentro da nova lógica adotada em lidar com os brancos, assim como fizeram as demais lideranças arroladas. É, certamente, neste rol de negociações que, posteriormente, segundo Bandeira (1851, p.392), aceitaram mudar para "os laçados das caldeiras e cachoeiras, para onde com boas maneiras pôde transferir a tribo de selvagens (...) comandada por - *Condá* - a qual tantos receios causava, por estar até então estabelecida em uma campina chamada Iranin, a duas leguas no sertão".

Em vista dessa aliança estabelecida com os fôg é que também devem ser entendidas tanto a ida do *Cacique Condá*, por volta de 1843, a São Paulo a fim de negociar com as autoridades provinciais, quanto a colaboração prestada por ele a Francisco da Rocha Loures em fins de 1845 e inícios de 1846 em sua viagem aos Campos de Nonoai, no Rio Grande do Sul. Sobre os desdobramentos resultantes das negociações que *Condá* realizou quando foi a São Paulo, segundo o Relatório de 1844 do Presidente da Província, sabemos que recebeu a quantia de 220\$000 para perseguir tribos ditas "selvagens" da região de Palmas e, logo em seguida, "foi nomeado comandante dos índios que reduzissem, o que dá à sua condigão de bugreiro um caráter oficial" (apud Moreira Neto, 1972, p.390).

Tal atribuição, em nossa opinião, não era tão simples como parece e mascarava o próprio discurso do branco sobre o índio presente no período, uma vez que a guerra contra as tribos inimigas de sua própria nação estava subjacente na cultura Kairingang. Nesse sentido, então, tendo em vista o estudo de Pierre Clastres, podemos dizer que as atitudes tomadas pelo *Cacique Condá* nesses eventos, significaram que ele estivesse trabalhando a favor dos fôg, mas sim atendendo aos interesses da tribo a que pertencia, porque:

"(...) nunca una comunidad se lanza a la aventura guerrera sin haber protegido antes sus espaldas por medio de empresas diplomáticas - fiestas, invitaciones - al término de las cuales se sellan las alianzas, que se supone durables pero que hay que reactivar constantemente, ya que la traición siempre es posible y, frecuentemente, real. Aquí aparece un rasgo descrito por los viajeros o etnógrafos como la inconsistencia o el psicología primitiva: la inconsistencia significa, simplemente, que la alianza no es un contrato, que su ruptura jamás es percibida por los Salvajes como un escándalo, y que, por último, una comunidad dada no tiene siempre los mismos aliados ni los mismos enemigos. Los términos ligados por la alianza o la guerra pueden permutarse, y el grupo B, aliado del grupo A contra el grupo C, puede perfectamente, a causa de acontecimientos fortuitos, volverse contra A dejando de lado a C" (Clastres, 1981, p.206).

Em 1847, o governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, reconhecendo a influência que este *Pay-bang* também tinha em relação aos Kairin-

jang dos Campos de Nonoai, resolveu convidá-lo para atuar como colaboracionista na Companhia de Pedestre da região sob a responsabilidade do Capitão Marcelino José do Carmo. No rol das negociações entre o *Cacique Condá* e o Sr. Manoel Antonio Galvão, Presidente da Província, além de alimentos e roupas oferecidos, ficou também acertado que lhe seria ajustada "uma gratificação mensal de 50\$000 reis logo que a Aldea reunisse 500 almas, depois modificou-se esse ajuste, dando-se-lhe uma mensalidade de 5\$000 de cada 50 que apresentasse" (Relatório de 05/10/1847, p. 13-14).

Num primeiro momento, é delegada ao *Cacique Condá* a tarefa de reunir no Aldeamento de Nonoai os demais Kaingang que se encontravam espalhados pelos referidos campos. Entretanto, se as autoridades pensaram que com essa resolução os problemas envolvendo os nativos seriam mais fáceis de serem resolvidos, parece-nos que se enganaram, porque, embora *Condá* cumprisse sua parte no trato, deram-se conta de que "não he fácil saber o numº de gente, que depende de Nonohay, porque pela falta de alimentos não podião estar fixos naquelle lugar, mas se espalharão sucessivamente pelos matos a procurar a sua subsistencia" (Correspondência de 06/11/1848, AHRs). Além do mais, a presença desse Pay-bang no Aldeamento também causou alvoroço em outras tribos que eram suas inimigas, como, por exemplo, a do *Cacique Fongue*, na região de Guarita, e nas dos caciques *Vaicofé*, *Braga*, entre outros que habitavam o Campo do Meio (Pérez, 1901, p. 472 e Correspondência de 13/03/1850, APRs).

Quando os jesuítas chegaram ao Aldeamento de Nonoai em princípios de 1849, a tribo de *Condá*, segundo o Pe. Bernardo Parés, compunha-se de aproximadamente cinquenta indivíduos vivendo em dez ou doze ranchos. No que se refere à natureza da guerra entre esses nativos, informa que existia uma antiga rivalidade entre o *Pay-bang Condá* e o *Cacique Nicafim*, a qual não foi contornada nem mesmo após dada em casamento a filha do primeiro ao segundo. Neste sentido, o narrador também discorre sobre a apreensão do *Cacique Condá* em relação às tribos ditas "selvagens", que poderiam atacar o Aldeamento de Nonoai a qualquer momento, uma vez que o destacamento da Companhia de Pedestre composto de apenas nove homens não era suficiente para impor respeito, conforme segue:

"En dos ocasiones en que los bugres estuvieron para reñir. Victorino fue á pedir auxilio al sargento, comandante del destacamento, el cual no se atrevia ni aun á dar seguridad en su cuartel al tal Victorino, que pretendia refugiarse en él, caso que lo atacase la gente de Pedro, cuánto menos podrá dar auxilio y proteger la aldea! Vuotoro, Nonohay y otros Jefes de influencia ya tendrían sus casas en la aldea, si hubiese habido una fuerza capaz de mantener entro ellos la paz y armonia (...)" (Correspondência de 25/04/1849. In: Pérez, 1901, p. 495, grifos nossos).

Mesmo diante dessas circunstâncias, a gente de *Condá* permaneceu em Nonoai, porque, no Relatório do Presidente da Província, datado de 06 de março

de 1850, consta que, das trezentas e vinte e três pessoas que viviam no Aldeamento, cinquenta e oito pertenciam à tribo do *cacique* em questão. Possivelmente, foi também durante esse período que o *Pay-bang Condá*, juntamente com outras lideranças, acompanhou o Pe. Parés a Porto Alegre a fim de negociar com o Governo Provincial, pois, segundo Pérez (1901, p. 543), o padre "llevó consigo doce indios escogidos de todas las reducciones, creyendo, y con razón, sacar mucho partido, como la primera vez, de que vieron en la capital á los fieros bugres domesticados".

Uma outra questão que, ao nosso ver, reforça a hipótese de que o colaboracionismo de *Condá* e sua tribo com os brancos era algo que estava intrinsecamente na própria lógica das negociações nativas é o relato do Pe. Santiago Villarrubia, informando que, apesar dos esforços de iniciá-los na religião e nos padrões da civilização ocidental, continuavam a viver "como gentiles, con una ó con más mujeres, que repudian cuando se les antoja, y solo se distinguen de los bugres, porque les gusta vivir pacificamente aldeados (...)" (Correspondência de 1º/06/1850. In: Pérez, 1901, p. 516).

Em 1851, é possível que o *Cacique Condá*, apesar das desavenças com *Nicafim*, tenha restabelecido a aliança cacical com este e convivido com ele por algum tempo no Aldeamento de Nonoai, porque o Pe. Bernardo Parés, ao tratar do estado da catequese dos indígenas em sua correspondência, informa que as tribos dessas duas lideranças totalizavam aproximadamente cento e cinquenta indivíduos. Nesse mesmo documento, escreve ainda que "tendo havido uma desavença entre as mulheres, esteve a gente de Vuotoro e Canhaté para brigar com a do *Condá* e do *Nicafi*, o que afortunadamente conseguirão impedir os PP. Cachequistas (...)" (Correspondência de 14/01/1851, AHRs, grifo nosso).

Por volta de 1855, após o episódio que resultou na morte de alguns brancos por guerreiros da tribo de *Pedro Nicafim* e *Manoel Grande* na Fazenda de Três Serros, organizou-se uma comitiva para prender os Kaingang que tinham conseguido escapar. Esta era composta por soldados da Guarda Nacional e também nativos pertencentes à tribo das lideranças colaboracionistas de *Fongue* e *Prudente*. Somaram-se ainda ao grupo "uma escolta de vinte praças bem armados e municados da jente de *Vitorino Condá* a mando do mesmo *Vitorino* para entrar no matto como entrou a seguir e prender o *Manoel Grande* e filhos assassinos de *Clementino* e sua *Comitiva*, e ãos que se escaparão da horda de *Pedro* (...)" (Correspondência de 14/10/1855, APRs, grifos nossos).

Durante a perseguição dos fugitivos, foi entregue ainda à escolta do *Pay-bang Condá* o índio Joaquim Manoel, que também tinha participado do episódio envolvendo Três Serros e que prometeu levá-los até o local onde se encontravam escondidos o *Chefe Manoel Grande* e os demais atacantes. Chegando ao local, entretanto, tudo indica que *Condá* propositadamente permitiu que o prisioneiro Joaquim Manoel escapasse a fim de avisar seus companheiros a tempo de poderem fugir, como informa o próprio organizador da escolta, Sr. Manoel Pacheco de Carvalho, quando diz:

"A esta escolta entreguei o índio preso e assassino dos Três Serros, Joaquim Manoel, por me assegurar que levaria ao lugar onde se achavam escondidos, e de fato a levou, porém momentos antes do assalto deixaram escapar o importante guia: este avisou aos companheiros, e vindo a eles escaparam, deixando a bagagem. Tenho razões para crer que esta fuga foi autorizada pelo mesmo **Vitorino**, ou algum dos seus" (apud D'Angelis, 1984, p.234, grifo nosso).

Como vemos, então, o colaboracionismo desempenhado por **Condá** junto aos fôg só era realizado quando se vinculava aos parâmetros da política índia, pois, como as lideranças perseguidas já tinham anteriormente restabelecido a aliança com a tribo de **Pay-bang Condá**, as negociações com as autoridades rio-grandenses foram preteridas. Em vista dessas perseguições, ocorreu também uma ruptura do colaboracionismo de **Condá** com o governo da referida Província, conforme relata o Presidente Jerônimo Francisco Coelho à Assembleia Legislativa Provincial:

"O **Cacique Victorino Condá** aparentado com Nicofé e Manoel Grande, em consequência da perseguição a estes movida, retirou-se com a sua tribo para os campos de Palmas, a uni-se aos aldeamentos que allí há por conta do governo provincial do Paraná" (Relatório de 15/12/1856, p.103-104, grifo nosso).

De volta ao Paraná, **Condá**, após negociar com as autoridades, retomou sua antiga função de colaboracionista com esses a fim de resolver os problemas com as tribos arredias, segundo discorre o Diretor Geral dos Índios da Província do Paraná, Francisco Ferreira da Rocha Loures, em seu relatório, dizendo que:

"Com a mira nas diligências d'esta ordem, que convem repetir-se em todos os pontos da Província, onde appareceram vestígios de Índios, foi que requisitei a reintegração ao Índio, **Victorino Condá**, no seo antigo posto de Cacique Geral dos Aldeamentos de Guarapuava, porque é o Índio em que deposito mais confiança e apto para dirigir empresas daquelle ordem" (Relatório de 10/02/1857. In: D'Angelis, 1984, p.11, grifo nosso).

Esse **Pay-bang**, no entanto, mesmo estando na Província do Paraná, não esqueceu suas desavenças, principalmente com as tribos de **Fongue** e **Prudente**, pois de tempo em tempo um crime sucedia a outro como forma de vingança (Correspondência de 12/08/1859, AHRs). Dentre os últimos acontecimentos nesse sentido, em meados de 1859, tivemos o assassinato do **Capitão Jacintho**, chefe do Toldo de Baixo, em Nonoai, pela gente do **Prudente**. Esse capitão, por sua vez, foi um dos **Pay** da tribo de **Condá** que havia ficado em Nonoai, mas, diante desse episódio, sua gente aliou-se às tribos de **Condá** e **Virí**, que estavam em Palmas para abater a tribo do **Pay-bang Fongue** à qual pertencia o **Chefe Prudente**.

O impasse criado diante dessa situação foi tão grande que o Presidente da Província do Rio Grande do Sul precisou solicitar ao Governo do Paraná que transferisse os toldos de **Condá** e **Virí** mais para o interior da Província, sob a seguinte alegação:

"Se os toldos de **Condá** e **Virí** forem removidos para o interior d'aquelle Província, estou certo que desaparecerão as difficuldades do presente, e ficarão acauteladas a paz e tranquillidade do futuro" (Relatório de 1859, p.50-51, grifo nosso).

Em suma, se tal solicitação do governo do Rio Grande do Sul foi atendida, a documentação que manuseamos não nos permite identificar. Porém os contos não cessaram por aí, uma vez que o Pe. Antonio Branco em correspondência ao Presidente Eloy de Barros Pimentel relata que os nativos que estavam no Aldeamento de Nonoai "não conhecerão a nenhum dos agressores, mas dizem que deve ser gente (...) do **Cacique Condá**, que, só, e sem diretor, que é feraz, vive no campo de Palmas Província do Paraná, e costuma fazer destas incursões" (Correspondência de 14/02/1864, AHRs, grifo nosso).

Para terminar, é possível perceber que a atuação do **Pay-bang Condá** como colaboracionista com as autoridades do Paraná também pautou-se na política adotada por sua tribo frente às demais. Dizemos isso pelo fato de que, mesmo recebendo vencimentos relativos aos trabalhos prestados nos anos de 1860 a 1863, conforme demonstra a Certidão de Procuração de 16/05/1864 (In: D'Angelis, 1983, p.13-14), o referido **cacique**, embora sutilmente, não deixou de rondar os povoados brancos das proximidades do rio Chopim, como narra a correspondência de 27 de abril de 1863 enviada por O. Danguy ao Sr. Luiz Lustoza de Mezezes.

4.3.2.1 – Os **Pay Perocan** e **Cavei**

O primeiro desses é conhecido pelo nome de **Adriano José Tatim Perocan** e fazia parte dos guerreiros do **Cacique Condá** quando este, em fins de 1845 e início de 1846, acompanhou a comitiva de Francisco Rocha Loures em visita aos Campos de Nonoai (Castro, 1887, p.152).

É possível também que, juntamente com a subtribo que liderava, **Perocan** tenha-se estabelecido na região de Nonoai a partir de 1847, conforme aparece no Mapa 6, no contexto das negociações realizadas entre o **Pay-bang Condá** e o Governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Segundo o Pe. Bernardo Parés, o **Chefe Perocan** possuía fortes laços de parentesco com **Condá**, por ser filho de uma irmã deste. Por volta de 1851, tanto **Perocan** quanto outros **Pay** teriam entrado em desavenças com o ex-diretor João da Rocha Loures, que insistia em aumentar suas possessões territoriais na região. Tal episódio levou inclusive estas lideranças a profírem ameaças de atacar a fazenda de Rocha Loures, o que somente foi evitado pela interferência do atual diretor, José Joaquim de Oliveira (Correspondência de 1º/03/1851, AHRs).

Outras informações que encontramos a respeito da atuação de *Perocan* referem-se à década de 1880, período no qual somos levados a crer que ele já tinha sido elevado à função de Pay-bang, pois aparece como cacique do Aldeamento de Nonoi, conforme segue:

"O Major Adriano José Tatim, conhecido por Perocan, de mais de 55 anos de idade é o cacique desse grupo de índios que principião a compreender e a fruir as vantagens da educação e da civilização, que ellas apreção e esforço-se pelo seu progresso" (Castro, 1887, p.285, grifos nossos).

Sobre isso é possível inferir que, quando o Cacique Condá retornou ao Paraná, em 1856, tinha ocorrido uma dissidência entre ambos. *Perocan*, diante disso, permaneceu na região de Nonoi e, com o passar do tempo, tornou-se um Pay-bang entre os seus.

Ao longo da década de 1880, segundo Castro (1887, p.156,286), auxiliou o professor Augusto Frederico Fetter, de quem era compadre, nas atividades pedagógicas realizadas no Aldeamento de Nonoi, que possuía 226 indivíduos aproximadamente.

Quanto à segunda dessas lideranças, era chamada de *Ignacio José Sagáz Cavei* e assim como seu irmão *Perocan* fazia parte da tribo de Condá quando este acompanhou Francisco da Rocha Loures na viagem de 1845/1846 a Nonoi (Castro, 1887, p.152).

Por volta de 1847, também deve ter-se estabelecido com o grupo do Cacique Condá em Nonoi (verifique Mapa 6) e posteriormente fez parte das lideranças que se opuseram ao fazendeiro João da Rocha Loures em decorrência das possessões territoriais que desejava aumentar na região, pois, de acordo com o Pe. Parés, "um Adriano, e um Ignacio que são os que se intitulão sobrinhos dos Capitão Victorino (...) por serem filhos de uma irmã do dito" (Correspondência de 1º/03/1851, AHRS, grifo nosso).

Tudo indica que o *Chefe Cavei* tenha dissentido de Condá em 1856 quando este voltou para o Paraná e continuado a atuar como colaboracionista ao Governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, uma vez que o Relatório de 1859 do Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão informa que ele intermediou as negociações para evitar o conflito entre as tribos dos caciques *Fongue* e *Condá* em decorrência do assassinato do *Chefe Jacintho*.

Somos de opinião que *Cavei*, por representar seu grupo frente às negociações com as autoridades Provinciais, tenha-se tornado o Pay-bang da tribo, que continuava no Aldeamento de Nonoi, tendo em vista que o relatório do Presidente da Província informa o seguinte:

"A tribo Sagaz, semeou dezoito alqueires de milho e nove de feijão, e durante a estação invernososa empregou-se no fabrico da erva, parte por conta própria, e outra parte a jornal, calculando-se em 2.000 arrobas o

trabalho daquela. Essas 2.000 arrobas alcançaram apenas os preços de 1\$120 e 1.280 rs., porque a erva era só cancheada, e não moída" (Relatório de 1861, p.21, grifo nosso).

As últimas informações a seu respeito são fornecidas pela Correspondência de 23 de junho de 1868, enviada pelo Diretor Geral Interino Manoel Francisco de Oliveira ao Vice-presidente da Província Joaquim Vieira da Cunha, a qual trata dessa liderança já como finada.

4.3.2.2 – Os Pay Domingos e Jacintho

O primeiro desses Chetes era tratado pelo nome de *Domingos de Oliveira*. Acreditamos que tenha vindo para a região de Nonoi (observe Mapa 6) seguindo a lógica das negociações estabelecidas pela tribo do Cacique Condá, de quem era irmão.

O Pe. Parés, em sua Correspondência de 29 de outubro de 1849, informa ao Presidente da Província que o *Chefe Domingos* já se encontrava fazendo roças em um alqueire no Aldeamento de Nonoi.

Outros dados sobre essa liderança somente apareceram no período de 1875, quando, ocorrendo uma ruptura nas negociações com os brancos, saiu do Aldeamento de Nonoi e estabeleceu-se com mais de vinte Kaingang nos campos da Fazenda dos Quatro Irmãos. Esse fato, em pouco tempo, suscitou preocupações das autoridades, como discorre o Presidente José Antonio de Azevedo de Castro em sua fala:

"Imediatamente oficiêi ao mesmo diretor, ordenando-lhes que se transportasse quanto antes aquela fazenda para tomar as providências que o caso aconselhasse, empregando todos os meios brandos e suavos para obter dos indígenas a sua retirada das terras que foram ocupar, fazendo-os recolher ao respectivo aldeamento" (Falla de 1875, p.66).

Pelo que vemos na seqüência desses acontecimentos, a referida tribo, obedecendo a sua própria lógica, permaneceu no local, acarretando com isso sobressaltos e desconfiança nos fazendeiros da região por temerem os ataques que consequentemente poderiam ocorrer (Relatório de 15/04/1880, p.39-40).

Em 1883, ou seja, oito anos depois, *Domingos*, certamente já desempenhando a função de um Pay-bang, continuava insistindo em permanecer no local com os seus, segundo se depreende do relato do Diretor Geral dos Índios, Atanagildo Pinto Martins, que diz:

"Tratando da necessidade imprescindível e urgente de abrigar-se à tribo do Cacique Domingos – aldeados no fundo dos campos do fazendeiro residente no Passo Fundo, Ramon Feio, muda o seu tôdo para as terras destinadas à catequese, em Nonohay. Neste tôdo existe mais de cem almas e que m^{te} prejudicão o fazendeiro nomeado. Já por meses tenho procurado por meio brandos e a meu alcance persuadir a esses índios a

necessidade de mudanças de seu tóldo para o ponto que lhes foi destinado pelo governo. Não tenho podido convencer e não acho outro meio senão – à força de meios e negócios – que melhor acostumado foram pela prudência” (Correspondência de 17/11/1883, AHRS, grifo nosso).

O *Pay Jacintho* também pertencia ao grupo do *Cacique Condá* (veja Mapa 6) e provavelmente deve ter dissentido desse quando, em 1856, retornou para a Província do Paraná. Segundo o relatório apresentado à Assembleia Provincial de São Pedro do Rio Grande do Sul em 1859 pelo Conselheiro Joaquim Antônio Fernandes Leão, o *Chefe Jacintho* liderava os *Kaingang* estabelecidos no Toldo de Baixo, em Nonoai, quando foi assassinado por gente de *Prudente*, que pertencia à tribo de *Fongue*, conforme segue:

“Os índios do distrito de Palmas, no Paraná assassinarão um dos de Nonohay, que acompanhava uma tropa de mulas para aquella Província. Em desforra os índios de um dos toldos de Nonohay assassinarão por seu turno a dous outros pertencentes a familia dos de Palmas, mas aldeados nesta Província sendo uma das victimas o *Capitão Jacintho*, chefe do toldo de baixo. Um crime succede a outro crime, e a uma represalia um acto de vingança terrivel” (Relatório de 1859, p.50-51, grifo nosso).

Frente a esse desfecho, os nativos reataram alianças com a tribo de *Condá*, que se encontrava no Paraná, para vingar a morte do seu chefe, o que acarretou fortes preocupações tanto para os governantes da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul quanto para os do Paraná (Correspondência de 18/08 e 30/09/1859, AHRS).

4.3.3 – O *Pay-bang Nicafim*

O nome nativo do *Cacique Pedro Nicafim* é um dos que possui o maior número de variações nas fontes que manuseamos, uma vez que também apareceu grafado como *Nicafi*, *Nicofim*, *Nicafim*, *Nelafé*, *Nicofé*, *Nicasi*, *Nicaphy*, *Nicaphym*, *Nicaji* e *Nicajim*. Frente a isso, evidenciam-se duas possibilidades: a primeira é que não tenha havido uma convenção na escrita do nome dessa liderança por parte dos padres, diretores, etc, e a segunda a de que a tribo ter-lhe-ia atribuído mais de um “jiji há” ou “jiji Korég” devido aos papéis sociais e cerimoniais que desenvolvia no grupo.

As primeiras notícias a seu respeito são fornecidas por *Mabilde* (1908, p.162-163), informando que ele “vivía com suas tribos de coroados a margem direita do rio Pelotas, entre esse e o rio Canoas. Os três caciques – Nonoai, Curupé e Nicofé – viviam sem hostilizar-se” (observe Mapa 6 e Quadro 1). Isso possivelmente se deu até o final da década de 1830 porque depois ocorreram os contatos mais efetivos com a Frente de Expansão na região.

Esse *Pay-bang* que viveu até aproximadamente meados de janeiro de 1856 desempenhou um papel de grande importância na sua tribo e, após migrar para os campos de Nonoai e *Erechim*, foi muito temido pelos brancos e pelas tribos inimigas da região. O Pe. Julian Solanellas, que conviveu com ele durante algum tempo no Aldeamento de Nonoai, escreve que *Nicafim* aparentava “edad 40 años, robusto, corpulento, alto, valiente guerrero, de modo que cuando va vestido de uniforme, parece un general francés que viene de la conquista de Argel” (Correspondência de 26/02/1851. In: Pérez, 1901, p.552).

É possível que a tribo desse cacique, num primeiro momento, também tenha adotado a política das negociações com os brancos e migrado para os Campos *Erechim* por volta de 1847, porque o relatório de Manoel Antonio Galvão, Presidente da Província, relativo a esse período discorre que, “não havendo senão carne, e essa escassa, voltou aos seus toldos, dous dos quaes, afora o do *Cacique Nicofé*, estão na proximidade de Nonohay, um a distancia de seis, outro a de quatorze legoas (Relatório de 05/10/1847. In: Roche, 1961, p.223, grifo nosso).

Mas o grupo do *Pay-bang Nicafim*, pelo que nos parece, desde os primeiros contatos com os fôg, não ficou satisfeito com as negociações, motivo pelo qual passou a reagir de maneira diferenciada, ou seja, adotando a estratégia de manter-se relativamente afastado dos Campos de Nonoai e, pelo que se desprende da Correspondência de 10 de maio de 1848, do Diretor Geral dos Aldeamentos e de João Cezimbra Jacques (1912, p.107), percorria de tempo em tempo a região das margens do rio Taquari, de Vacaria e do Mato Castelhano e Portuquês.

Tudo indica que a referida tribo também rompeu sua aliança com o grupo do *Cacique Condá*, porque esse mantinha as negociações com os brancos. Contudo ao *Pay-bang Nicafim*, o que, num primeiro momento, não resolveu o problema. A respeito disso, recorrendo a *Kimiyé Tomashino* (1995, p.84), podemos ressaltar ainda que, se o rapto de mulheres para os *Kaingang* em particular significava uma declaração de guerra, o contrário representava a construção da paz. Ou então, que as negociações envolvendo casamentos, nas sociedades igualitárias em geral, visavam à criação de alianças e à construção da paz entre as tribos, conforme escreve *Elman Service* ao tratar a questão:

“En las sociedades primitivas, el matrimonio cumple también estos fines, pero unicamente como un subproducto de la creación de alianças. básicamente, obvia, planificada, políticamente proyectada, mediante los intercambios de contrayentes. Por supuesto, el matrimonio es el medio en que se originan los parentescos por afinidad y, en la generación siguiente, los nuevos parentescos consanguíneos” (Service, 1984, p.80).

A gente de *Nicafim*, por sua vez, segundo o Pe. Bernardo Parés, era “mucha y más salvaje, y andan esparcidos por todas partes y principalmente por el

Campo do Meio y Vacaria, sin haber no obstante dejado de incomodar á los pasajeros y de asaltar á sus tiempos á alguna casa" e não descartava a possibilidade de, num momento oportuno, também atacar *Condá* (Correspondência de 25/04/1849. In: Pérez, 1901, p.494).

Alguns meses depois, como esse Pay-bang se negava a fazer roças na região, teve seus mantimentos suspensos pelos Jesuítas do Aldeamento de Nonoai. Frente a isso, o cacique migrou com a sua mulher de nome Leocadia, filhos e alguns integrantes da tribo para Palmas, alegando que, dentro de dois meses, voltaria para fazer suas roças, o que nos parece ter deixado o Pe. Parés bastante satisfeito, porque, em sua correspondência ao Presidente da Província, agradece ao "querido Deos que la fique, pois hé o peor de toda a Bugrada, e de demasiada influencia entre elles para o mal. Na sua ausência hé facil governar aos outros" (Correspondência de 29/10/1849, AHRs).

Em meados de 1850, entretanto, o Cacique *Nicafim* já estava de volta à região, porque o relatório de 06 de março daquele ano, apresentado pelo Conselheiro Jose Antonio Pimenta Bueno, informa que a tribo compunha-se de quarenta e cinco indivíduos. Logo em seguida, esse Pay-bang entrou em conflito com as tribos de *Braga* e *Doble* certamente por invadir seus territórios. A contenda com *Doble*, pelo que se pode inferir da Correspondência de 26 de fevereiro de 1851 do Pe. Solanellas, parecia ser bastante antiga, uma vez que esse era irmão do pai de *Nicafim* e viviam todos juntos. Porém, com a morte do pai de *Nicafim*, ocorreu uma dissidência entre essas lideranças, e *Doble* migrou para outra região.

Quanto à atuação arredia da tribo de *Nicafim* contra os fóg, segundo o Pe. Santiago Villarrubia, também era mantida, uma vez que esse cacique "cobró alguma celebridad en Vacaria y en Cima la Sierra, por sus atrevidos asaltos y homicidios, y particularmente con la cruel y traicionera muerte de los diez ó doce serranos, de, quienes ya sabe V. R. la dolorosa historia" (Correspondência de 1º/06/1850. In: Pérez, 1901, p.517).

Uma outra situação que continua a evidenciar a constante natureza de guerra dessa liderança, principalmente contra aquelas tribos que mantinham aliança com os brancos, é também descrita pelo Pe. Villarrubia ao narrar que:

"Por celos de una mujer, algunos individuos del capitán Canhaté insultaron y convidaron á pelear consigo al capitán Pedro Nicasi: este, como más veterano y más valiente, dicen que no hacia caso de ellos: pero insitado, y viendo que los adversarios ya le esperaban, ó le querian acometer armados, resuelve responder al desafio, y se encamina hacia ellos armado de trabuco, con solos dos hermanos suyos igualmente valientes: el ataque era indispensable. y estaban ya junto al lugar de la lucha, cuando outro indio manso de los de mayor infujo logró suspender la acción, que hubiera sido fatal, é hizo retroceder á *Nicasi* y hermanos, lo que puede atribuirse á una gracia del Espíritu Santo, recurriendo en aquel dia la segunda fiesta de Pentecostés. En esto paraban las cosas, cuando llegó á nuestros oídos la noticia del suceso, que no sé por cuál

insensatez nos querian tener oculto: fui al instante para examinar el caso, y apaciguar las partes: llegado á la casa de *Nicasi*, me pareció aquello una pequeña plaza de armas: arcos, flechas, lanzas, cuchillos y alguna arma de fuego eran las insignias de guerra puestas en vista y prontas para recibir cualquier asalto. El capitán Pedro con parte de su gente, hombres y mujeres armados con porretes, estaban de guardia. El aspecto era marcial y terrible: ver á unos hombres con caras amotinadas, todos desnudos menos en la cintura, y en los ademanes de querer pelear, le aseguro que no era la vista más linda del mundo. Me dirigí luego á *Pedro*, y con la confianza que acostumbro tratarle, le pregunté qué novedad era aquella: le pedí su trabuco, que estaba muy bien cargado, y lo exhorté con modos blandos á la paz: él, dócil á mis instancias, cedió luego, mandó recoger las armas, despidió su gente, y fue á tomar sus vestidos acostumbrados, rogándome alcanzase outro tanto de sus adversarios. Entretanto el P. Solanellas pasó al campo de los otros, que encontró alrededor de un gran fuego, y con las mismas disposiciones de guerra: pero, á las persuasiones del Padre, ellos también cedieron, y prometieron conservarse en paz. Si no se apagaba luego este incendio, los resultados hubieron sido funestos: hubiera habido muchas victimas, y tal vez una dispersión total del aldeamento" (Correspondência de 1º/06/1850. In: Pérez, 1901, p.522-523, grifos nossos).

Pelo que notamos nas correspondências de 14/01/1851, 29/02/1851 e 28/12/1852, que se encontram no AHRs, a atuação desse Pay-bang era bastante perniciosa, pois, ao mesmo tempo que reagia ao avanço da sociedade nacional com ataques aos brancos e aos grupos colaboracionistas, mantinha uma parte de sua tribo constantemente nos Campos Erechim, enquanto outra parte estabelecia-se de tempo em tempo no Aldeamento de Nonoai, possivelmente para confundir o inimigo.

Acreditamos que numa dessas estadas em Nonoai tenha restabelecido a antiga aliança cacical com *Condá*, uma vez que a Correspondência do Pe. Berardo Parés de 14 de janeiro de 1851 informa que as tribos dessas duas lideranças reunidas totalizavam aproximadamente cento e cinquenta indivíduos. Esses arranjos internos das lideranças praticados em nome do grupo que representavam era bastante comum nas sociedades originárias e serviam para garantir a unidade social, tendo em vista que:

"(...) os homens de tribo vivem em agrupamentos e comunidades de parentesco dentro dos quais a briga é visualmente suprimida, e são favorecidos também por instituições econômicas, rituais e sociais que conduzem à boa ordem. Falar de Guerra, então, é encobrir através de análises tendências normalmente latentes pelas imposições do sistema cultural. A anarquia primitiva não é a aparência das coisas. É o inconsciente do sistema" (Sahlins, 1970, p.18, grifo nosso).

Outras informações que reforçam essa hipótese é o ataque realizado a mando do Cacique *Nicafim* à tribo de *Doble*, que, após muita negociação, decidiu,

por volta de outubro de 1854, aceitar mudar-se para o Aldeamento de Nonoai. Frente a esse episódio, entretanto, as pretensões do Governo da Província de reunir todos os Kaingang em Nonoai foram por água abaixo, porque, diante do ataque, *Doble* mudou de idéia e retornou com os seus para os Campos de Vacaria (Relatório de 02/01/1854, p. 30-31).

Em 1855, mesmo depois que o Pe. Antonio de Almeida Leite Penteado assumiu a direção do Aldeamento de Nonoai, a tribo do Cacique *Nicaifim* continuava perseguindo os habitantes da região e negando-se a aldear-se, motivos pelos quais era bastante temido (Correspondência de 04/07/1855, AHRs). Frente a essas atitudes que *Nicaifim* adotou como forma de reação aos invasores brancos, foi que transcorreu o evento de 05 de dezembro de 1855 na Fazenda Três Serros, relatado pelo Conselheiro Barão de Muritiba:

"Não estavam ainda esquecidos os assassinatos de que foram vítimas em julho, Joaquim Macedo e outras pessoas de sua família, assim como o índio Luiz Portella, que concorreu com sua tribo para captura dos matadores daquelles infelizes, quando em dias de Dezembro alguns índios das tribos de Manoel Grande e Pedro Nicaifim assassinarão aleivosa e barbaramente a Clementino dos Santos Pacheco, um sobrinho, um filho, o Capitão e um filho deste, e mais um escravo (...). Antes do regresso do director geral fui informado por pessoas fidedignas, que com effeito essas desgraçadas successos nascerão simultaneamente de maneijos occultos, cujos autores ainda não são bem conhecidos, e do desgosto que aos indígenas causava a administração do padre Penteado, successor do honrado ancião José Joaquim de Oliveira, sendo certo que o dito padre não reside em Nonohay, e rarissimas vezes ali apparecia, deixando portanto a Aldeia sem direcção, e os índios entregue ao ocio, e alheios á todas as praticas e doutrinas religiosas" (Relatório de 28/04/1856, p.26-27, grifo nosso).

No transcorrer de 1856, grande parte dos nativos envolvidos foram presos e presos; *Nicaifim* e alguns, mortos, e os demais conseguiram fugir. Porém, diante disso, algumas lideranças, como foi o caso do *Pay-bang Condá*, reorganizaram suas alianças internas e externas, e a situação no território não foi mais a mesma. Itala Basile Becker, ao tratar a instabilidade que se criou na região de Nonoai em decorrência desses eventos, sintetiza muito bem a questão, dizendo:

"Nessa área interna se agrava a situação entre os Caciques Pedro Nicaifim, Manoel Grande, Fongue, Antonio Prudente e Victoriano Cundá. Tudo se inicia com uma investida dos grupos de Nicaifim e Manoel Grande contra uma fazenda da área, em dezembro de 1855. Os grupos são perseguidos pela policia, com o auxilio de Fongue e Antonio Prudente. Com esse acontecimento as hostilidades aumentam entre os próprios índios e os moradores brancos. A contenda somente parece amainar com a morte de Nicaifim e vários índios, bem como, pela prisão de Manoel

Grande e outros. Acontece que Victorino Cundá, o "Bugreiro", é identificado como parente de Nicaifim e Manoel Grande; abandona o aldeamento de Nonoai, retornando ao Paraná de onde viera. De lá, passa a hostilizar os grupos inimigos de Nonoai, ao mesmo tempo em que tenta atrair remanescentes dos grupos aliados. Em 1858 a situação conflitiva permanece: Victorino Cundá, que faz aliança com Viri, em Palmas, PR, continua a hostilizar os grupos de Nonoai, especialmente a tribo de Fongue, e o resultado são as baixas nos dois lados" (Basile Becker, 1976b, p.50-51, grifos nossos).

4.3.3.1 – Os Pay Chico e Manoel Grande

O chefe conhecido por *Chico* ou *Francisco* era irmão de *Nicaifim* e liderava uma subtribo pertencente ao grupo desse *Pay-bang* (veja Mapa 6). Provavelmente tenha migrado na mesma época que esse para os Campos Erechim, uma vez que, em 1848, foi contatado pelo fazendeiro Manoel José de Quadros em sertões próximos às margens do rio Taquari (Correspondência de 10/05/1848, AHRs).

Segundo a Correspondência de 29 de outubro de 1849 do Pe. Bernardo Parés, o *Chefe Chico* também não quis fazer roças na região e acompanhou a tribo do *Cacique Nicaifim* na viagem realizada aos Campos de Palmas. Posteriormente, entretanto, deve ter retornado, porque, no Relatório de 06 de outubro de 1853 de João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, Presidente da Província de São Pedro, consta entre as lideranças Kaingang da região.

Apesar disso, acreditamos que o *Pay Chico* seguia a mesma política adotada pela tribo de *Nicaifim*, ou seja, ludibriar os brancos no que se refere à aceitação de alianças e estabelecer-se nas proximidades do Aldeamento de Nonoai para continuar atacando tanto os fôg quanto as tribos inimigas. O Pe. Penteado, tratando do caráter disperso desse grupo em particular diz que "a Tribo do *Cap. Chico* acha-se espalhada por diferentes pontos d'este campo, estando humma parte reunida na margem direita do ribeirão denominado – Turvo – onde há duas choupanas cobertas e cercadas de achas de Pinheiro" (Correspondência de 04/07/1855, AHRs, grifo nosso).

Demais notícias a seu respeito somente foram encontradas no ano de 1868, período no qual aparece atuando como colaboracionista no Toldo de Baixo, em Nonoai, e percebendo uma gratificação mensal de mil réis (Correspondência de 23/06/1868, AHRs). Frente a isso, somos levados a crer que tenha ocorrido uma dissidência desse *Pay* com o *Cacique Nicaifim* e antes mesmo dos acontecimentos de Três Serros, pois só assim é possível explicar essa aliança com os fôg.

As últimas informações a seu respeito aparecem na Correspondência de 24 de março de 1869 do Diretor Interino Manoel Francisco de Oliveira, informando que essa liderança havia-se retirado para a região de Guarita e, assim como a tribo de *Fongue*, encontrava-se fazendo roças.

Quanto ao *Chefe Manoel Grande*, também liderava uma subtribo do grupo de *Nicaifim*, (veja Mapa 6) e temos conhecimento que, desde os primeiros dias do

mês de dezembro de 1855, ele circulava pelas proximidades da Fazenda de Três Serros, possivelmente planejando os detalhes para o ataque, conforme discorre o Diretor Geral dos Aldeamentos em sua correspondência ao Presidente da Província:

“A nascente fazenda dos Três Serros, situada a margem direita do rio Passo Fundo, nas imediações do Aldeamento de Nonohay de propriedade do finado Clementino dos Santos Pacheco, dista da fazenda Quatro Irmãos, tres leguas ou menos e o outro a cargo do mesmo finado Clementino e estão entre o Pontão do Mato Castelharo e o rio. Clementino e seu sobrinho Jose Pacheco Carvalho haviam chegado aos Quatro Irmãos com suas tropas de bestas e depois de acomodá-las foram de passeio aos Três Serros, chegando, no dia 5 de dezembro proximo passado. A tarde o capataz lhes fez ver que a dias Manuel Grande, com um grupo se conservavam escondidos perto da casa, sem se deixar ver, assim como algumas mulheres – Joaquim Manuel – indio que ali vivia ha anos com suas duas mulheres – diziam que na verdade Manuel Grande ali tinha estado caçando mas que já tinha se retirado. Clementino que tinha inteira confiança em todos os indios, não só porque estes sempre se mostram seus amigos e aos quais nunca se recusou a favorecê-los, como porque ainda a pouco se havia empenhado e obtido a soltura do indio Agostinho, filho de Manuel Grande, que se achava preso na Cruz Alta, por ter assassinado o indio Luiz Portella. Desprezando as observações do capataz, ali passou” (Correspondência de 11/03/1856, AHRS, gritos nossos).

Na seqüência desses acontecimentos, então, efetivou-se o ataque à referida fazenda e, conseqüentemente, a morte de Clementino dos Santos Pacheco e dos seus. Depois disso, o *Chefe Manoel Grande*, acompanhado de mais três ou quatro nativos, conseguiu fugir para as brehas da Serra Geral. Porém, em 22 de julho de 1857, segundo o informe do Vice-presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul Patricio Correa da Camara, esses nativos sendo “perseguidos por uma partida dos Indios de Nonohay, forão mortos no encontro o chefe, dois Indios e uma china, evadindo-se somente dois do grupo desta horda de assassinos” (Relatório de 11/10/1857, p.25).

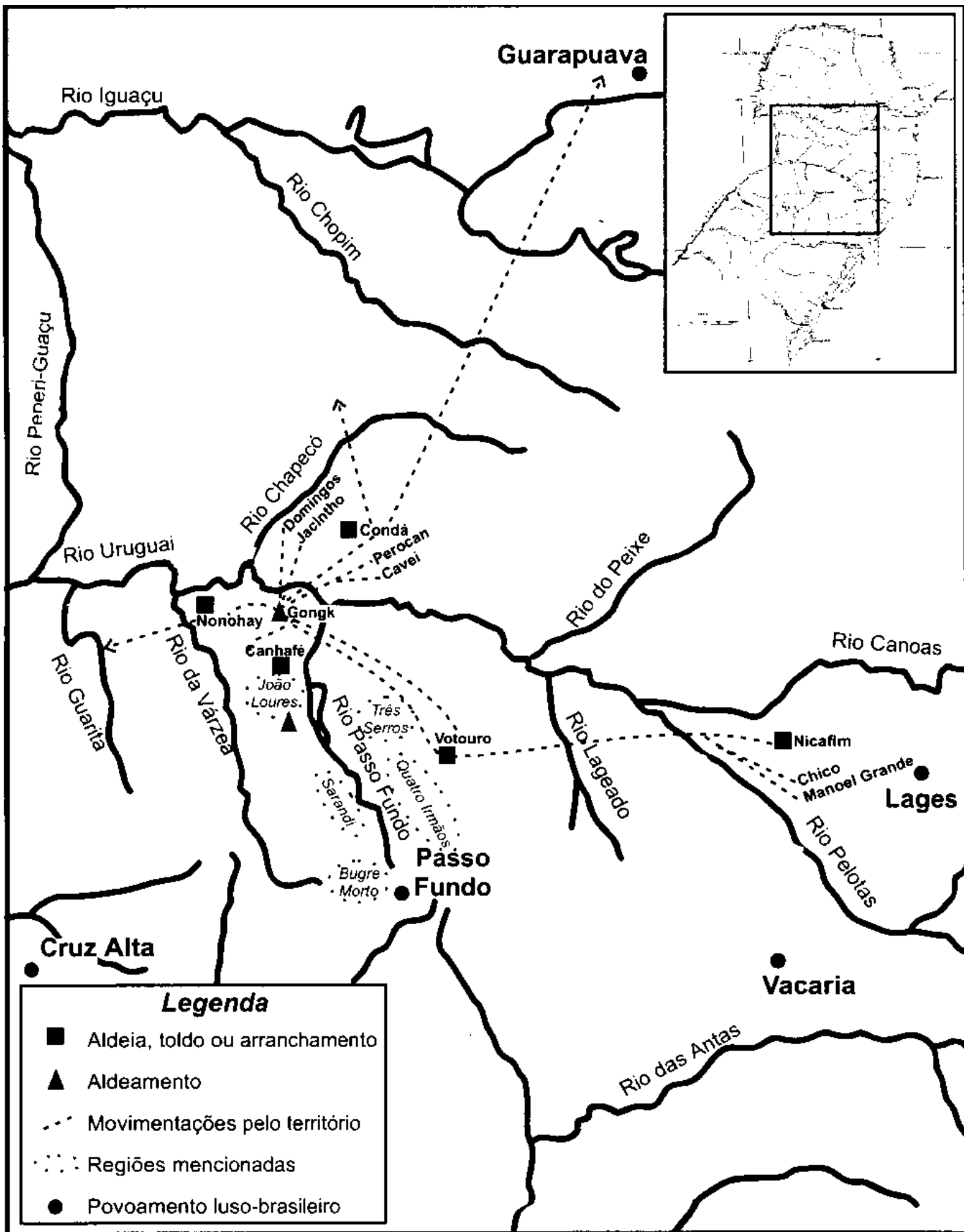
4.3.4 – O Pay-bang Gongk

Esse Kaingang também era chamado de *Caetano Gongk e*, pelo que se depreende da obra de Carlos Teschauer “Porandúba Riograndense” (1929, p.337-338), no final da década de 1880, conforme aparece no Mapa 6 e Quadro 1, já era o cacique do Aldeamento de Nonoi.

O Pe. Teschauer, que contactou com esse Pay-bang durante as viagens realizadas a este Aldeamento em fins de dezembro de 1891, informa que um dia “Gongk apresentou-se com uma velha farda militar, sem draganas, um sovado

chapéo, calças de algodão grosso, aliás sem camisa nem gravata, nem espadim e de pés no chão” (Teschauer, 1929, p.338, grifo nosso).

Nessa época, o Aldeamento possuía aproximadamente cinquenta indivíduos distribuídos em dez ou doze cabanas e vivendo ainda à maneira tradicional, ou seja, nus e, segundo o padre, todas as vezes que ia visitá-los, precisava esperar primeiro os índios vestirem-se. Em sua narrativa, informa também que, além de batizar umas dez crianças, casou ainda o *Cacique Gongk* e mais três casais.



Legenda

- Aldeia, toldo ou arranchamento
- ▲ Aldeamento
- - - Movimentações pelo território
- · · · · Regiões mencionadas
- Povoamento luso-brasileiro

Mapa 6: Atuação de lideranças entre os rios da Várzea e Lageado
 Fonte: Elaborado por Laroque/99